

## Índice

Prólogo	11
Primeira Parte — A NAVALHA DE OCCAM	19
Capítulo 1	21
Capítulo 2	44
Capítulo 3	55
Capítulo 4	73
Capítulo 5	81
Capítulo 6	93
Capítulo 7	102
Capítulo 8	109
Capítulo 9	122
Capítulo 10	127
Capítulo 11	142
Capítulo 12	153
Capítulo 13	156
Capítulo 14	161
Capítulo 15	179
Capítulo 16	196
Capítulo 17	208
Capítulo 18	213
Capítulo 19	226
Capítulo 20	231

Segunda Parte — JUDAS IDIOTA	239
Capítulo 21	249
Capítulo 22	257
Capítulo 23	263
Capítulo 24	273
Capítulo 25	284
Capítulo 26	292
Capítulo 27	299
Capítulo 28	307
Capítulo 29	320
Capítulo 30	337
Capítulo 31	355
Capítulo 32	367
Capítulo 33	382
Capítulo 34	389
Capítulo 35	397
Capítulo 36	407
Epílogo	419

## CAPÍTULO 1

Quando o meu nariz finalmente pára de sangrar e me desfiz dos lenços de papel ensanguentados, o Teddy Barnes insiste em levar-me a casa no seu velho *Honda Civic*, um carro que se recusa a morrer e que o Teddy, avarento como é, se recusa a trocar por um novo modelo. A sua mulher, a June, cuja autoestima é muito marcada, conduz um moderno *Saab*.

— Esse banco recua — diz o Teddy, ao observar que tenho os joelhos praticamente sob o queixo.

Quando paramos num cruzamento para respeitar uma prioridade, passo uma mão sob o assento, em busca da alavanca:

— Ah, sim?

— Em princípio — diz ele, num tom de voz académico, inseguro.

Sei que o banco deveria recuar, mas desisto de tentar, preferindo a ilusão de que estou a sofrer. Não costumo por natureza culpabilizar os outros, mas é um papel que me convém. Solto um suspiro teatral com a intenção de transmitir ao Teddy que isto é um absurdo, que as minhas compridas pernas poderiam estar comodamente esticadas sob o volante do meu próprio *Lincoln*, um carro tão velho como o *Civic* do Teddy, mas melhor concebido para os William Henry Devereaux de pernas compridas deste mundo, dois dos quais, o meu pai e eu, permanecemos vivos.

Sendo um condutor exageradamente prudente, o Teddy hesita em atravessar o cruzamento com o seu pequeno *Civic* e virar à esquerda.

— Os carros não respeitam a distância. Não posso fazer nada — explica quando deteta o meu sorriso irónico.

O Teddy tem a minha idade, quarenta e nove anos, e, embora as suas feições sejam mais juvenis, começa a mostrar sinais da idade. Nunca foi robusto, mas o peito parece ter-se tornado mais côncavo, o que acentua a pequena barriga. As mãos são delicadas, quase femininas, imberbes. As pernas magras parecem perdidas nas calças. Ocorre-me, ao observá-lo, que o Teddy teria dificuldade em recomeçar — isto é, adquirir novos conhecimentos, competir, encontrar uma companheira. A tarefa dos jovens, afinal.

— Por que deveria recomeçar? — quer saber, e uma expressão assustada acentua-lhe os pés de galinha nos cantos dos olhos.

Aparentemente, a julgar pela maneira como me está a olhar, expressei o meu pensamento em voz alta, embora sem me ter dado conta.

— Isso nunca te passa pela cabeça?

— Mas o quê? — reage, absorto.

Tendo avistado um intervalo no tráfego em sentido contrário, tira o pé do travão e inclina-se para diante, com o pé apoiado, mas sem tocar no pedal do acelerador, apenas para concluir que o espaço entre os dois carros não é tão grande como pensava, voltando a recostar-se no banco com um suspiro frustrado.

Algo nesta reação leva-me a pensar se um boato que tenho ouvido sobre a mulher do Teddy, June — de que anda envolvida com um membro do corpo docente do nosso departamento —, pode ser verdade. Não liguei muito até agora, porque o Teddy e a June vivem em perfeita simbiose. No departamento de Inglês são conhecidos como Fred e Ginger pela graça com que se movimentam, sem um pingão de paixão, rumo a um único destino compartilhado. Numa atmosfera de desconfiança, suspeita e vingança, trabalhar em conjunto é sinónimo de poder, e ninguém entendia essa triste verdade universitária melhor do que o Teddy e a June. É difícil imaginar qualquer um deles a arriscar. Por outro lado, também não deve ser fácil estar casada com um homem como o Teddy, que tem sempre o pé sobre o acelerador, mas hesita em pisá-lo.

Estamos na Church Street, a rua paralela à rede de vias-férreas que divide a cidade de Railton em duas metades sombrias e igualmente pouco atraentes. Contam-se neste lugar cerca de vinte trilhos paralelos, ocupados, na maioria, por um ou dois vagões enferrujados. Há

um século, a via-férrea estaria cheia quando a cidade de Railton ainda era próspera e os cidadãos viviam confiantes no futuro. No entanto, isso pertence ao passado. Na Church Street, onde continuamos parados no cruzamento, já não há uma única igreja, embora dantes, segundo consta, tivesse havido meia dúzia. A última, uma decrepita construção de tijolo vermelho, há muito dilapidada e com as janelas entaipadas, foi demolida no ano passado, depois de alguns miúdos a terem invadido e o chão ter cedido sob o seu peso. A grande mancha de terra onde se erguera está agora vazia. É o facto de existirem tantos terrenos vazios e cheios de detritos em Railton, como estas extensões açoitadas pelo vento entre os vagões na via-férrea, que dificulta a esperança. Próximo do local onde estamos parados, a aguardar para virar para a Pleasant Street, um homem chamado William Cherry, um funcionário de longa data da Conrail, suicidou-se recentemente, deitando-se nos carris a meio da noite. No início, suspeitou-se de que se tratava de um dos homens despedidos na semana anterior, mas, afinal, não era esse o caso. Na verdade, ele acabara de se aposentar com a reforma e todos os benefícios. Na televisão, os vizinhos menos afortunados limitaram-se a abanar a cabeça, sem compreender. Ele só tinha de se deixar viver, disseram.

Quando é seguro, depois de todo o tráfego que vinha no sentido contrário ter passado, o Teddy vira para a Pleasant, a mais desagradável das ruas de Railton, que em nada faz jus ao simpático nome. De cada lado ergue-se uma fila de edifícios de escritórios deteriorados de um e dois andares. No inverno, quando neva, é impossível subir a Pleasant Street de carro, pois é demasiado íngreme. Agora, no início de abril, desconfio de que talvez seja demasiado íngreme para o *Civic* do Teddy, cujo motor ronca heroicamente com a primeira mudança metida e, em segunda, avança a vinte e cinco quilómetros hora. O declive reduz-se a meio caminho, diante do semáforo, e quando paramos, digo:

— Queres que saia e empurre?

— Está frio — responde o Teddy. — A sério. Vamos conseguir.

Não há dúvidas de que tem razão. O motor aguentará. Apenas gostaria de saber por que motivo me sinto tão desencorajado com esta certeza. Questiono-me involuntariamente se William Cherry também receava que as coisas dessem certo se não fizesse algo drástico para as obstar.

— Vamos conseguir, vamos conseguir, vamos conseguir — entoo no momento em que o semáforo muda para verde e o Teddy incita o pequeno *Civic* pela subida. Há uns meses, tentei estupidamente trepar esta mesma rua debaixo de um ligeiro nevão. Era quase meia-noite, regressava a casa do *campus* e queria poupar os dez minutos do caminho mais longo. Durante os longos invernos da Pensilvânia, o estacionamento na via pública não é permitido à noite, e a rua parecia um tanto deserta e sinistra. O meu era o único carro a circular na subida de cinco quarteirões, e cheguei sem incidentes a esta mesma lombada onde o Teddy e eu ainda agora parámos. O escritório do meu agente de seguros ficava na esquina, e lembro-me de desejar que ele estivesse lá para me ver fazer uma manobra tão imprudente num carro de que ele fizera o seguro. Assim que o semáforo passou a verde, os meus pneus deslizaram, depois aguentaram-se, e transpus os últimos dois quarteirões. Quando já estava a menos de dez metros do cimo da subida, senti os pneus começarem a derrapar e a traseira a deslizar. No momento em que o motor parou e percebi que os travões não serviam de nada, recostei-me e testemunhei a minha própria estupidez. Com o motor desligado e a neve a abafar todos os outros sons, vi-me num *ballet* silencioso enquanto descia graciosamente em marcha-atrás até à lombada onde parecia que iria parar, bem na frente do meu agente de seguros, mas depois escorreguei nos últimos três quarteirões, ricocheteando de um passeio ao outro como a bola branca num jogo de bilhar, parando finalmente na entrada da via-férrea, tendo sofrido uma perda de equilíbrio, mas ileso. Uma das minhas amigas, Bodie Pie, que mora no segundo andar de um apartamento perto do fundo da rua e alega ter testemunhado a minha descida de *ballet*, jura que me ouviu rir como um louco, mas não me lembro disso. A única emoção de que me lembro é semelhante à que sinto agora, com Teddy nesta mesma rua íngreme. Ou seja, um certo sentimento de decepção por tal drama resultar em tão poucas consequências. Teddy tem a certeza de que vamos conseguir, e eu também. Temos os dois garra.

Uma vez fora da cidade, o rejuvenescido *Civic* corre ao longo do asfalto de duas faixas como um carro de banda desenhada com um largo sorriso (eu sabia que podia, eu sabia que podia), enquanto o interior da Pensilvânia desliza ao nosso lado. A maioria das árvores ao longo da estrada já floresceu. Mais para trás, na floresta profunda,

ainda pode haver manchas de neve suja, mas a primavera está definitivamente no ar, e o Teddy abriu a janela para receber o ar fresco. O seu cabelo ralo agita-se com a brisa, e quase espero ver evidências de um novo crescimento de pelos no seu couro cabeludo. Sei que ele está a pensar no tratamento com *Rogaine*, essa maravilha contra a calvície.

— Só vais levar-me a casa para poderes namoriscar com a Lily — digo-lhe.

O Teddy cora ante o comentário. Há mais de vinte anos que tem uma atração inocente pela minha mulher. Se é que existe algo como uma atração inocente. Desde que construímos a casa no campo, o Teddy tem tido menos oportunidades de ver a Lily, por isso anda sempre à procura de uma desculpa. Naquelas raras manhãs de sábado em que ainda jogamos basquete, ele passa para me dar boleia. O campo onde jogamos fica a poucos quarteirões da sua casa, mas ele insiste em que o percurso de seis quilómetros não é um grande desvio. Numa noite de copos, há uns bons dez anos, cometeu o erro de me confessar o seu encanto pela Lily. Assim que o segredo foi revelado, tentou extorquir-me a promessa de não o revelar.

— Se lhe contares, juro que... — continuava a repetir.

— Não sejas idiota — repliquei tranquilamente. — Claro que lhe vou contar. Vou contar-lhe assim que chegar a casa.

— E a nossa amizade?

— Que amizade?

— A nossa — explicou ele. — A tua e a minha.

— O que tem? — reagi. — Não sou *eu* que estou apaixonado pela tua mulher. Portanto, não me venhas falar de amizade. Na verdade, devia levar-te lá para fora.

Ele dirigiu-me um sorriso de bêbado.

— És um pacifista, lembras-te?

— Isso não significa que não te possa ameaçar — retorqui. — Significa apenas que não és obrigado a levar-me a sério.

No entanto, o Teddy estava a levar-me a sério, a levar tudo ao pé da letra.

— Não a amas como deverias — disse ele, com os olhos cheios de lágrimas sinceras.

— Como poderias saber? — replicou William Henry Devereaux, Jr., com os olhos secos.